

COLOQUIOS  
DOS  
SIMPLES E DROGAS  
DA INDIA

POR  
GARCIA DA ORTA

—  
EDIÇÃO PUBLICADA

POR DELIBERAÇÃO DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DIRIGIDA E ANNOTADA

PELO

CONDE DE FICALHO

Socio effectivo da mesma academia

VOLUME II

LISBOA

IMPRESA NACIONAL

1895

ORTA

Si; mas sam os boticairos portuguezes pouco deligentes em aver mézinhas, e muito em aver dinheiro; porque se elles a pedisem em Portugal na Caza da India, levalaiam de cá em abundancia.

RUANO

Asi que, não se achando o nosso *licio*, vós afirmaes que aproveitará estoutro *indio*; e não oulhaes que se chama *licio*, porque ha o melhor em Licia e Capadocia, que parece que este se deve perferir a todos.

ORTA

Eu nam digo que se deite em lugar o *licio indiano* do *licio de Licia*, mas diguo que, quando falecer o da India, se deite o de Licia, porque esta he a entençam de todos os escriptores; e que, quando elle faltar, que usem do feyto de berberis e de madresilva, ou de amexas bravas estiticas. E ao que dizeis, que se chama *licio* por exçelencia por ser de Licia, digo que não he asi com perdam de vossa merce, senão porque ahy se achou o uso delle primeiro, scilicet, achouse o uso desta mézinha, que se parecia com o da India, e que por falta e defeito do da India se avia de deitar: e esta he a verdade, e outra não; porque em nenhuma regiam se usa deste *cate* tanto, como nesta terra (2).

RUANO

Levaloei desta terra, e usarei delle, pois que cá fez os efeitos que dizeis; e mais será bem que me digaes se ha nesta terra muytos odres de camellos e de rinocerotes, como diz Plinio, que nelles o levam, pera vermos a cantidade delles por o seu coiro.

ORTA

Eu não vi odres de camellos desta terra; posto que no Decam e em o Guzarate ha alguns camellos, que tem os reys e os capitães pera levar o fato na guerra; mas nem sam tantos os que morrem como cavallo, pera que delles façam odres. E quanto he aos rinocerotes (a que os Indios

chamam *gandas*), não os ha domesticos nesta terra; e pode ser que os aja bravos em Bengala ou no Patane, e nas terras que tem os Patanes os ha, e alguns fazem domesticos. E porem eu não vi algum rinocerote, mas sey que os de Bengala usam do corno para a peçonha, cuidando ser o unicornio; mas elle não o he, segundo a entençam dos que bem o sabem; porque o Nizamora pesára 200 vezes a ouro hum pouco de unicornio experimentado, e muyto melhor tomára o do renoceros\*. E sabei que no anno de 1512 foi apresentado a elrey Dom Manoel, que está em gloria, hum que lhe mandou elrey de Cambaia, o qual elle mandou ao Papa. E se deste animal quizerdes ver, lêde Plinio, libro 8, cap. 20\*\*; e Estrabo tambem fala deste animal.

## RUANO

Pareceme isso que dizeis que não ha unicornio na India; pois nam falais nelle, e dizeis que o não tem esse rey vosso amigo, sinal he isso de o não aver na India; e pois nós tambem não sabemos onde aja o tal animal.

## ORTA

Dizem tantas cousas incertas desse animal, que, por nam as saber bem, não as queria contar; porque as pessoas que mas contam, não as contam como testemunhas de vista. E comtudo vos direi o que ouvi a pessoa de autoridade em seus ditos. E contaramme, que soubera que entre o cabo das Correntes e de Boa Esperança viam huns animaes que, posto que folgavam com o mar, eram terrestres, e a feiçam da cabeça e cóma era de cavallo, e que comtudo não era cavallo marinho; e que tinha corno do qual usava abaxandoo ou alçandoo abaxo e acima, e á parte direita e á esquerda, de modo que dizem ser como dedo; e que este animal pe-

---

\* O sentido não é claro; parece dizer que compraria o corno do rinoceronte, se julgasse ser unicornio.

\*\* Plinius, libr. 8, cap. 20 (nota do auctor).

fosse o cate, o que não era absurdo, pois o lycio como o cate era o extracto de uma madeira, e se os caracteres da *Acacia catechu* não concordavam com o que Dioscorides havia dito da arvore do lycio, Orta sabia muito bem que elle se tinha enganado mais de uma vez em pontos identicos. A questão continuou a ficar enredada; e Sprengel, quando já no nosso seculo publicou a sua edição de Dioscorides, ainda não se pronuncia sobre o que seja o lycio da India. Foi só um pouco depois, que Royle (1833) mostrou dever ser o lycio dos antigos analogo ou identico a um extracto, conhecido nos bazares da India pelo nome de rusot, e obtido de varias especies do genero *Berberis*, *B. aristata*, D. C., *B. Lycium*, Royle, e *B. asiatica*, Roxb. (Cf. Yule e Burnell, *Gloss.*, 133; Sprengel, *Diosc.*, livr. 1, cap. 132; Avicenna, n, n, 398; Royle em *Linn. Trans.*, xvii, 83; *Pharmac.*, 34; Dymock, *Mat. med.*, 35).

### NOTA (3)

Nas notas ao *Coloquio vigesimo primeiro* contámos já (vol. 1, pag. 320) a historia do rhinoceronte, que Muzaffar Schéh mandou a Affonso de Albuquerque, Affonso de Albuquerque a D. Manuel, e D. Manuel a Leão X; mas alguma coisa temos a acrescentar sobre o que Orta diz em geral de rhinocerontes e unicornes.

O nosso escriptor admite a existencia de rhinocerontes no Bengala, «nas terras que tem os Patanes» — expressão pela qual deve designar os estados afghans da India—, e no «Patane», que seria assim o Afghanistan propriamente dito. Em toda esta zona de leste eram numerosos aquelles animaes —*Rhinoceros indicus*, e talvez tambem a especie *R. sondaicus*—, que já então se não encontravam ou se encontravam excepcionalmente na zona occidental. Linschoten diz: *India abadam sive rhinocerotia non habet, verum in Bengala et Patana reperitur*—por India designa a parte mais conhecida, ao longo da costa de oeste.

Orta diz tambem, que «alguns fazem domesticos»; e esta questão dos rhinocerontes domesticos é um tanto complicada. Gaspar Corrêa, descrevendo uma grande batalha entre Báber e um certo rei da India, chamado Cacandar, batalha que Yule e Burnell dizem não terem podido averiguar qual fosse, mas que é talvez a de Panipát, confusamente envolvida em muitas circumstancias erradas, diz assim, fallando do modo por que estavam ordenadas as forças de Cacandar:

«... e diante huma batalha de oitocentos alifantes, que pelejavão com espadas nos dentes e em cima castellos com frecheiros e espingardeiros. E diante dos alifantes oitenta gandas, como huma que foy a Portugal, a que chamarão bichá, que no corno que tem sobre o focinho tinhão ferros de tres pontas com que pelejavão mui fortemente.»

Diremos desde já, que na relação da batalha de Panipát, dada pelo historiador Erskine, o qual segue as Memorias escriptas pelo proprio Báber, se mencionam os oitocentos ou mil elephantes, mas se não diz uma palavra dos rhinocerontes.

A noticia de Gaspar Corrêa, por mais estranha que seja, não é isolada. Fernão Mendes Pinto, fallando de um lago de Chiammay na Indochina a que já nos referimos em outra nota, affirma que d'ali se tiravam muitos minerios, os quaes «levam mercadores em cafilas de alifantes e badas aos reinos de Sornau, que é o de Sião, Passiloco...» Aqui temos as *badas* — outro nome dos rhinocerontes —, domesticadas e empregadas nos transportes. E o mesmo Fernão Mendes Pinto, dando a relação de um enorme exercito tartaro, que invadiu a China, diz «... donde partiram com oitenta mil badas, em que vinha o mantimento e toda a bagage». Yule e Burnell, transcrevendo as tres passagens citadas, não contestam a sua veracidade, e contentam-se com lhes pôr um ponto de admiração. Effectivamente, a ausencia de outras noticias, e tudo quanto sabemos do character desconfiado, violento e pouco intelligente do animal, levam-nos a acreditar, que os nossos escriptores foram mal informados. Gaspar Corrêa é habitualmente veridico; mas tratava n'este caso de factos succedidos no interior da India, de que recebeu noticias indirectas e confusas; e Fernão Mendes Pinto, sem merecer a reputação que teve durante muito tempo, era um tanto dado a acceitar, e mesmo a ampliar levemente, as informações colhidas aqui ou ali. A phrase de Orta é mais acceitavel, e um ou outro rhinoceronte podia chegar a um certo grau de domesticidade (Linsch., *Navig.*, 56; Gaspar Corrêa, *Lendas*, III, 573; Erskine, *Hist. of Báber*, I, 434; Fernão Mendes Pinto, *Peregrin.*, cap. 41 e cap. 107; Yule e Burnell, *Gloss.*, I e 799).

Ácerca de *unicorneos* é o nosso Orta muito prudente, dando-nos as suas noticias sob todas as reservas. No que lhe disseram da costa de Africa, deve ir envolvido o hippopotamo — posto que elle diga não se tratar do cavallo marinho — com os rhinocerontes africanos, que então deviam ser muito frequentes ao longo d'aquella costa.